



O CRESCIMENTO DA MONOCULTURA DE CAJU NA GUINÉ-BISSAU: FATORES E IMPACTOS

Narcisa Nicolau Da Silva¹

Boriatu Djata²

Juliano José Có³

Juliano Gomes⁴

Professora Dra. Gergia Maria Feitosa E Paiva⁵

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o crescimento da monocultura do caju na Guiné-Bissau, destacando os fatores sociais, econômicos, culturais e ambientais que impulsionaram sua expansão no período colonial e pós-colonial. Schwarz, (2012, p.2) e Nhaga, (2017, p.20) salientam que, antes do domínio do caju, as principais atividades agrícolas no país incluíam amendoim, coco e arroz. No entanto, com a imposição dos colonizadores portugueses e, mais tarde, devido à valorização da castanha de caju no mercado internacional, o país tornou-se dependente dessa monocultura. A pesquisa também explora os impactos dessa dependência econômica, como a vulnerabilidade às flutuações de mercado, e discute a necessidade urgente de diversificação agrícola para promover um desenvolvimento mais sustentável. A metodologia incluiu levantamento bibliográfico e a previsão de aplicação de entrevistas com agricultores e autoridades governamentais. Verificou-se que, dada a importância econômica da cultura de caju, sua facilidade de cultivo e por ser vista como a solução para fome, isto proporcionou a sua grande expansão causando impactos no meio ambiente e colocando em risco a segurança alimentar da população.

Palavras-chave: Monocultura de caju; Guiné-Bissau; agricultura; economia.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Desenvolvimento Rural, Discente, narcisanicolau14@aluno.unilab.edu.br¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Desenvolvimento Rural, Discente, djataboriato@gmail.com²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Desenvolvimento Rural, Discente, julianojoseco97@gmail.com³

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Desenvolvimento Rural, Discente, julianog@aluno.unilab.edu.br⁴

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Linguagens e Literatura, Docente, georgiafeitosa@unilab.edu.br⁵



INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau, localizada na costa ocidental da África, tem uma economia amplamente baseada na agricultura, com o caju sendo o principal produto de exportação. Considerando os fatores sociais, econômicos e ambientais que levaram à expansão da monocultura de caju, que teve início durante o período colonial e se intensificou após a independência do país em 1973. De acordo com Ministério Da Agricultura, Florestas e Pecuária da Guiné-Bissau (MAF-GB, 2017), antes disso, as principais culturas do país incluíam amendoim, côco e arroz, as quais foram gradualmente substituídas pelo caju. O cultivo do caju na Guiné-Bissau começou a ganhar força no período colonial, quando os portugueses incentivaram a adesão a essa cultura. Com a independência, o caju se tornou cada vez mais predominante, impulsionado pela alta demanda internacional e pelo valor crescente do produto nos mercados globais. Essa expansão foi favorecida por condições climáticas adequadas e pelo solo fértil do país, que facilitava a produção (Nhaga, 2012). No entanto, essa dependência crescente de uma única cultura gerou desafios significativos. O país, que outrora diversificava sua produção agrícola, viu-se cada vez mais vulnerável às oscilações dos preços do caju no mercado internacional. Além disso, a monocultura trouxe impactos ambientais negativos, como a degradação do solo e a redução da biodiversidade.

O objetivo central deste estudo é analisar os fatores sociais, econômicos, culturais e ambientais que contribuíram para a expansão da monocultura de caju na Guiné-Bissau. O estudo busca investigar o contexto histórico do período colonial e pós-colonial, identificando as razões que levaram à adesão dos agricultores guineenses ao cultivo do caju, o impacto dessa monocultura na economia do país, e as consequências dessa dependência para a população e para o meio ambiente.

Especificamente, descrever as atividades agrícolas predominantes na Guiné-Bissau antes da ascensão da monocultura de caju, identificando as principais culturas praticadas pelos agricultores. Analisar os motivos que levaram os agricultores guineenses a aderirem em massa à produção de caju, considerando fatores econômicos, sociais e ambientais que influenciaram essa transição. Examinar os impactos econômicos e sociais da monocultura de caju sobre a população guineense, com foco nas mudanças na estrutura econômica do país e nos efeitos para a subsistência dos agricultores. Investigar as fontes de renda dos agricultores antes do monopólio do caju e os desafios atuais enfrentados pela dependência dessa cultura única, observando como essa transformação impactou o desenvolvimento rural e a diversificação agrícola.

METODOLOGIA

A pesquisa procurará se aprofundar na questão para identificar outros fatores que vêm contribuindo para a expansão do cultivo de caju por meio da comparação das facilidades de produção que se vê nas produções que foram substituídas pelo caju e falta ou não de incentivos à diversificação das culturas por parte do governo guineense, baseando-se na metodologia qualitativa e levantamento bibliográfico dos documentos relacionados ao tema à ser pesquisado, dando ao nosso projeto de pesquisa um caráter exploratório e descritivo voltado a análise da evolução da monocultura de caju na Guiné-Bissau. Além do levantamento dos dados históricos, será aplicada uma entrevista semi-estruturada e por formulário com o diretor geral do Ministério das finanças, ministro da agricultura da Guiné-Bissau e com os agricultores. Sendo feita gravação das entrevistas com o consentimento dos envolvidos.

Para a entrevista, será convidado responsável máximo do ministério das Finanças, ministro da agricultura e agricultores com experiência e idade mais avançada, respectivamente da Guiné-Bissau. Para tal, a nossa equipe comprometer-se-á em garantir todos os procedimentos éticos aos participantes na entrevista como o



anonimato se assim preferirem e sem juízo de valor às opiniões de qualquer um. Antes da aplicação da entrevista, será informada todos os procedimentos da pesquisa aos escolhidos para a mesma, tendo eles o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento sem prejuízo.

As nossas análises se assentarão nos principais fatores que devem fato à expansão da monocultura de caju e perspectivando os seus impactos na economia, na vida da população e nos solos da Guiné-Bissau. Com isso, o nosso projeto de pesquisa além de servir de ferramenta para os estudos aprofundados dos fatores envolventes na expansão agrícola de caju na Guiné-Bissau, servirá de impulso a um olhar crítico do sistema produtivo que tem se perpetuado no território guineense. Permitirá análises das raízes do problema para melhor desenvolver estratégias para reverter a situação da dependência do país ao monocultivo que tem se verificado desde época colonial, mudando apenas do tipo de cultivo a se depender, ou seja, a Guiné-Bissau deixou de depender do amendoim para se depender de caju.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Ministério Da Agricultura, Florestas e Pecuária da Guiné-Bissau, (2017), o povo guineense tinha nos meados do ano 1931-1940 três principais produções agrícolas que sustentavam a economia do país: produção de amendoim como principal, coconote na segunda, e arroz ocupando a terceira posição. Dados que podem ser vistos no gráfico a seguir:

Figura.1

Fonte: Ministério Da Agricultura, Florestas e Pecuária da Guiné-Bissau, (2017)

A Figura 1 ilustra a produção Agrícola e o principal suporte da economia da Guiné-Bissau, então Guiné-Portuguesa, levantamento do ano 1931 a 1940. O principal suporte da economia na época era a amendoim que ocupava mais da metade da produção de exportação, seguido de côco, e enquanto que arroz apesar de ser a base alimentar dos guineenses, se encontrava na terceira posição. Nisto percebe-se que a produção de caju era de longe o principal enfoque na agricultura guineense. A mesma ideia foi comungada pelo Carlos Schwarz em representação do pensamento de Amílcar Cabral no seu artigo que, a agricultura, conhecida como "indígena", baseava-se em cultivar arroz para consumo local, sendo praticada há aproximadamente 3.000 anos, juntamente com o cultivo de mancarra (amendoim) para exportação, incentivado por empresas estrangeiras que alternavam suas exportações para a Europa em forma bruta ou como óleo (SCHWARZ, 2012).

Segue-se a outra abordagem sobre as principais culturas ao longo dos anos da história da Guiné-Bissau durante a história da Guiné-Bissau antes da colonização pelos portugueses, a principal atividade agrícola era o cultivo de arroz, amendoins, côco e algodão, sendo o arroz e os amendoins os mais importantes até 2007, quando a produção de arroz começou a declinar em favor do cajueiro. A maneira como os portugueses plantaram os cajueiros de forma imperativa resultou em uma grande quantidade dessas plantas em todas as áreas sob seu controle no país (NHAGA, 2017).

Portanto, vê-se um acréscimo às contribuições dadas anteriormente, mostrando que as principais culturas na época colonial e pós colonial eram de amendoim, arroz, coconote e algodão que se fazia presente na época colonial no que tange às principais produções de exportação antes do monopólio da produção de caju. Ainda nisso o autor ressalta um dos motivos que influenciaram a expansão da produção de caju. Os guineenses eram obrigados pelos portugueses a plantarem o caju em diferentes partes do território nacional.

A monocultura é um tipo de cultivo agrícola de uma só espécie geralmente realizada numa área muito extensa ou em larga escala. Nela se vê o uso intensivo de maquinários e de insumos agrícolas (principalmente os agrotóxicos) para o combate às pragas, a mesma causa o desequilíbrio ecológico, não



favorecendo a um desenvolvimento sustentável (EARTH OBSERVING SYSTEM, 2021).

A monocultura por um bom tempo foi vista como a solução para fome no planeta por ser aquela pela qual se tem a garantia da produtividade e produção em pouco tempo, mas como se vê na afirmação a seguir, a monocultura traz um prejuízo ambiental considerável. Além de causar impactos no meio ambiente, a monocultura em larga escala também coloca em risco a segurança alimentar da população global, apesar de ter sido considerada por muito tempo como uma solução para a fome no mundo. Atualmente, ao contrário disso, é sabido que as vantagens da monocultura, como desmatamento, queimadas e uso de agrotóxicos são maiores que as vantagens, ameaçando a continuidade da espécie humana (ZIMMERMANN, 2009).

Segundo Earth Observing System (2021), a monocultura por alterar o equilíbrio ecológico com o desflorestamento para uma única cultura, torna o ambiente propício para o desenvolvimento dos micro-organismos patógenos, que com a rotação do cultivo, não conseguem desenvolver muito por terem outros seres que controlam a evolução da sua população. O aumento da população dos organismos indesejados na plantação justifica constantes usos de insumos agrícolas nas plantações voltadas ao processo de monocultura. Atualmente se constata que a monocultura de caju vem ganhando espaço a cada dia no sector agrícola guineense, assunto que será abordado mais adiante.

CONCLUSÕES

Percebe-se que a cultura do caju antes da sua proliferação no território guineense nos anos 1980, já teve o seu impulso para a adesão à sua cultura. E nisso vê que a Guiné-Bissau adaptou-se e muito a cultura de caju, não diversificando a produção o que tornou o país dependente de certas produções. Depois da introdução do cultivo de caju no sector agrícola guineense, a Guiné-Bissau começou a ficar dia após dia dependente dessa cultura o que na verdade não é adequado para a economia e a vida da população local que vive na base da agricultura e em maior parte de caju que quando oscila os preços nos mercados internacionais prejudica diretamente a eles. Desde aquela época, a Guiné-Bissau vinha dependendo da monocultura, mudando apenas de cultivo a se depender. Só para se ter ideia, atualmente a economia da Guiné-Bissau depende quase a 100% da produção de caju para a exportação, por esta representar um percentual significativo no Produto Interno Bruto (PIB) do país. Pode-se afirmar isso vendo os dados económicos do país de 2017 levantados pelo Ministério das Finanças da Guiné-Bissau em Nota de Enquadramento Microeconómico e Orçamental do mês de março de 2018, onde mostra que no ano 2017 a castanha de caju representou cerca de 98,7% da exportação e 23,9 do PIB.

AGRADECIMENTOS

Nossa gratidão a Deus, a Unilab e a professora Geórgia!

REFERÊNCIAS

- EARTH OBSERVING SYSTEM. Monocultura Agrícola: Vantagens E Desvantagens. [S. I.], 16 Abril 2021. Disponível em:
<https://eos.com/pt/blog/monocultura-agricola/> acesso em: 12 Jul 2021.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, FLORESTAL DA GUINÉ-BISSAU. Carta de Política Nacional: Neutralidade



na Degradação das Terras na Guiné-Bissau. Despacho nº12 de 30 de agosto de 2017. Bissau, 2017.

NHAGA Marcos. A produção e a transformação de caju e o seu impacto ambiental: A situação atual na Guiné-Bissau. 2017.149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Ambiente e da Sustentabilidade, MEAS) - Escola de Ciências Sociais e Humanas Departamento de Economia Política, Instituto Universitário de Lisboa. 2017.

SCHWARZ Carlos. Um agrônomo antes do seu tempo. 15. Bissau: 2012.

SECA Abdulai Ismael. Expansão do cultivo do caju e seus Impactos Ambientais e Econômico na Guiné-Bissau. 2020. 114 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus Amazonas. 2020.

ZIMMERMANN Cirlene Luiza. Monocultura e transgenia: Impactos ambientais e insegurança alimentar. Veredas do Direito. 22. Belo Horizonte, 2009, v.6 n 12 p. 79-100.